

Ouvir rádio na cidade patrimônio: experiências de escuta, localismo e migração em discursos de ouvintes ouro-pretanos¹

Rafael MEDEIROS²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O rádio local tem a capacidade de reforçar laços culturais, organizar a vida diária e demarcar temporalidades. Ele aproxima as zonas rurais das urbanas e é parte do cotidiano das pequenas cidades em hábitos de escuta compartilhados entre gerações. A presente pesquisa³ parte dessas associações para explorar os discursos dos ouvintes da Rádio Itatiaia Ouro Preto, em Minas Gerais, sobre aspectos que envolvem o lugar social e tecnológico das experiências de escuta radiofônica, as dinâmicas de localismo nas características da emissora ouro-pretana e para verificar as expectativas da audiência em meio à migração da rádio do AM para FM. Enquanto pesquisa de recepção, o trabalho tem sustentação multimetodológica com dados explorados através da Análise Textual Discursiva. Os resultados apontam que o rádio é parte do dia a dia da cidade patrimônio e tem papel fundamental na manutenção das identidades cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE: Ouro Preto; rádio local; experiências de escuta; migração; recepção.

INTRODUÇÃO: “OURO PRETO FALA COM A GENTE”

A capacidade de adaptação do rádio às mudanças tecnológicas que, em previsões pessimistas, sempre vêm anunciar seu fim reafirma a perenidade do meio e a importância que ele assumiu na vida dos ouvintes ao longo de mais de cem anos de história. O rádio é parte do cotidiano das pequenas cidades em hábitos de escuta compartilhados entre gerações. Ele indica as horas que passam devagar, confirma acontecimentos, serve para mandar recados e pedir músicas e compartilha com os sinos das igrejas os avisos de falecimentos e missas. Dessa maneira o rádio local ajuda a manter tradições, culturas e valores compartilhados socialmente.

A tricentenária Ouro Preto carrega tradições culturais e representa “o reduto da história e identidade mineiras” (NATAL, 2003, p. 14). O imaginário social de Ouro

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Filiado à Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar). Membro do Grupo de Pesquisa Usos Sociais da Mídia (UFSM) e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor – UFOP), e-mail: rfmedeiros13@gmail.com

³ O trabalho é parte da pesquisa de mestrado desenvolvida pelo autor, sob orientação da professora Nair Prata, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto.

Preto como cidade patrimônio⁴ e representante da identidade e tradição de Minas Gerais foi incorporado pela população ouro-pretana, construído a partir da vivência cotidiana, reverberado pela imprensa local e ganhou força com os primeiros sinais de rádio emitidos entre a Serra do Itacolomi e a Serra de Ouro Preto. Em 1974 surgiu o principal e mais duradouro meio de comunicação da cidade dos inconfidentes: a Rádio Cultura de Ouro Preto, hoje Rádio Itatiaia Ouro Preto e, entre os ouvintes, sempre Rádio Ouro Preto. Marcadamente, a rádio se constituiu com características de emissora local, reverberando acontecimentos da vida diária da população ouro-pretana, se inserindo no cotidiano da cidade e confirmando um lugar de afeto entre os habitantes.

Ainda que com características já assinaladas, as emissoras locais também estão propensas às mudanças ocorridas na radiodifusão sonora. Recentemente, essas rádios começaram a passar por mais uma metamorfose desafiadora: a migração para FM, um processo dinâmico que está afetando as formas de produção, transmissão, modelos de negócio, programação, identidade, relação com o ouvinte e outros fatores que impactam diretamente a forma como a audiência entende a emissora, consome seus produtos radiofônicos e se relaciona com ela. Além disso, o processo é significativo por sua magnitude, sendo que nunca foi realizado algo dessa proporção na radiodifusão.

As pesquisas que tratam da migração ainda são emergentes, têm como foco localizar o processo na historicidade da radiodifusão ou o viés do comportamento da emissora frente às mudanças trazidas pelo fenômeno. A escolha por estudar os desdobramentos da migração olhando para a audiência, sob o viés dos estudos de recepção, também representa um desafio e ao mesmo tempo uma contribuição para o campo comunicacional uma vez que, segundo Jacks *et. al* (2010), esse tipo de estudo com foco no rádio ainda é pouco explorado.

Nesse sentido, têm-se como principais objetos de estudo os discursos dos ouvintes da Rádio Itatiaia Ouro Preto sobre a mídia e as dimensões sociais desses discursos, considerando o contexto da cidade e as reverberações da vida diária. O *corpus* da pesquisa é constituído de sete entrevistas semiestruturadas realizadas com uma amostra voluntária de ouvintes da emissora, além de respostas registradas nos questionários. Todos os dados obtidos nessas etapas foram analisados com base na Análise Textual Discursiva (ATD), método de análise de dados qualitativos que se

⁴ Mais que um epíteto, o título deste trabalho referencia ao reconhecimento da cidade de Ouro Preto como patrimônio da humanidade sendo a primeira propriedade cultural do Brasil tombada pela UNESCO, em 5 de setembro de 1980, por seu valor histórico e arquitetônico. A alcunha “cidade patrimônio” ainda é notabilizada.

debruça sobre o processo de pesquisa como um todo. Além disso, em fase preambular foi necessário compreender as bases da rádio até a migração para FM – essa fase contou com pesquisa documental e entrevistas com diretores e ex-funcionários da emissora, além da consulta às respostas registradas pela Rádio Itatiaia Ouro Preto no estudo sobre migração realizado pelo Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (PRATA; DEL BIANCO, 2018).

Dessa forma a pesquisa se estrutura para responder às questões surgidas e chegar aos objetivos pretendidos, mostrando as relações de proximidade da Rádio Itatiaia Ouro Preto com a população da cidade histórica e como as adaptações trazidas pela migração para FM poderão modificar as configurações dessa emissora de quatro décadas, influenciar as relações com a audiência e atuar sobre as experiências de escuta. Nas próximas linhas serão descritos os procedimentos metodológicos, já a teorização do artigo será apresentada juntamente com os resultados da análise, já que o método de ATD não despreza os pressupostos teóricos nas suas etapas analíticas.

METODOLOGIA: A CIDADE ENTRE A NEBLINA

Ouro Preto se apresenta, à distância, como uma incógnita, como uma cidade escondida por entre a espessa neblina, como um lugar difícil de ser entendido se apreendido apenas sob o olhar do turista que sobe e desce ladeiras durante um fim de semana à procura das igrejas e dos casarões centenários. Ouro Preto vai além do centro histórico, vai além da “Rua Direita”, e compreender o cotidiano de uma pequena cidade tricentenária, turística e universitária não é tarefa das mais simples porque ao mesmo tempo Ouro Preto é uma, mas parece se desdobrar em muitas. Estudar recepção midiática também é assim: o olhar à distância pode ser capaz de proporcionar algumas impressões limitadas ou hipóteses nem sempre passíveis de confirmação e apenas a partir da aproximação com os sujeitos é realmente possível entender o comportamento cotidiano da audiência. Os instrumentos de pesquisa foram definidos com base na percepção de mutabilidade dos objetos estudados, pensando que as teorias poderiam desvelar novas perspectivas a partir da pesquisa empírica.

Para o entendimento inicial do comportamento da audiência da Rádio Itatiaia Ouro Preto quanto às suas experiências de escuta, uso de dispositivos, percepções sobre a emissora e sobre o processo de migração, foi elaborado um questionário *online*

disponibilizado durante quatro meses para preenchimento⁵. Dos 47 respondentes do questionário, dezoito se interessaram em serem entrevistados inicialmente, porém, após os contatos, foram realizadas efetivamente sete entrevistas com o objetivo de aprofundar os dados obtidos, substanciar as informações e pormenorizar questões específicas. A tabela que se segue apresenta alguns dados iniciais dos ouvintes entrevistados:

Quadro 1 – Identificação dos ouvintes entrevistados

Nome	Gênero	Idade	Ocupação
Ana Luisa Reis	Feminino	27	Jornalista
Conceição Aparecida da Mata	Feminino	53	Professora
Euclides José Gomes	Masculino	52	Pedreiro
Fátima da Silva Paiva	Feminino	46	Agente legislativo
Geraldo Antônio Gomes	Masculino	53	Pedreiro
Maria Aparecida Albergaria	Feminino	78	Costureira
Vicentina Rosa de Oliveira	Feminino	52	Costureira

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa (2019).

As questões definidas para as entrevistas partiram da observação dos dados do questionário, mas não se limitaram a eles. Concordando com Moraes e Galiazzi, a “pesquisa qualitativa pretende chegar a interpretar os fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa” dos textos já existentes ou do material de análise produzido a partir de observações e entrevistas (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 33). A base qualitativa da pesquisa toma, desse modo, as entrevistas como elementos centrais da investigação, mas não despreza nenhuma outra unidade de sentido gerada anteriormente nessa matriz multimetodológica pensada para a pesquisa.

Buscando uma interseção dos elementos dispersos nesses variegados caminhos da pesquisa de recepção sociodiscursiva é que o método da Análise Textual Discursiva (ATD) se apresenta como uma alternativa capaz de possibilitar o entendimento das complexas mediações tecnológicas, cognoscitivas, situacionais e institucionais presentes nas relações entre os ouvintes e a migrante Rádio Itatiaia Ouro Preto. As entrevistas transcritas foram submetidas às etapas da ATD⁶, que prevê a fragmentação do corpus em múltiplas unidades de sentido e a organização desses fragmentos a partir de aspectos

⁵ O endereço digital para o questionário (www.pesquisaufop.com.br) foi divulgado diariamente na programação e redes sociais *online* da Rádio Itatiaia Ouro Preto e em jornais locais impressos.

⁶ Não será possível detalhar todas as etapas referentes ao processo de ATD neste artigo. Para pormenorização do método recomenda-se a consulta aos trabalhos de Moraes e Galiazzi (2016) e Medeiros (2019).

semelhantes, formando subconjuntos que vão sendo agrupados em conjuntos mais amplos e em número menor até as categorias finais. O quadro a seguir apresenta a última etapa de categorização:

Quadro 2 – Categorias intermediárias e finais do processo de ATD

Categorias intermediárias		Categorias finais
<ul style="list-style-type: none"> • Experiência de escuta • Interação com a rádio • Acesso à tecnologia 	<ul style="list-style-type: none"> • Afeto • Memória 	Experiências de escuta
<ul style="list-style-type: none"> • Consumo de notícias • Interação com outros sujeitos 	<ul style="list-style-type: none"> • Cotidiano • Laços culturais 	Localismo
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento tecnológico • Tradicionalidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Programação 	Migração

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa (2019).

A seguir são analisados os dados com base nas categorias finais definidas pelo processo da análise textual discursiva (experiências de escuta, localismo e migração) levando em conta também os pressupostos teóricos.

EXPERIÊNCIAS DE ESCUTA: “EU FICO COM O RÁDIO LIGADO O DIA INTEIRO”

A maneira como as pessoas ouvem rádio se transformou ao longo dos anos. As mudanças tecnológicas e facilitação do acesso a aparelhos receptores possibilitaram que mesmo a população de localidades afastadas dos grandes centros tenha acesso à radiodifusão sonora, mas nem sempre foi assim: quando o rádio começou a se popularizar no Brasil os preços dos aparelhos eram considerados altos para uma parcela da população. O morador do bairro Saramenha, Geraldo Gomes, lembra que passou a ouvir rádio a partir da década de 1980 porque “antes não era qualquer um que tinha rádio porque não tinha condição de comprar, era caro” (GOMES G., 2019).

O primeiro aparelho de rádio que Vicentina se recorda de ter acesso na década de 1970 foi um de madeira, parecido com um caixote, com apenas dois botões, um para ligar e outro para selecionar a estação, já “a antena ficava num bambuzinho lá fora pra fazer ficar bom, colocava a antena lá em cima e pegava, não chiava nem nada” (OLIVEIRA V., 2019). Da mesma forma, Maria Aparecida lembra que suas primeiras

experiências de escuta radiofônica eram mediadas negativamente pelas dificuldades de acesso a tecnologias, já que ela só ouvia o rádio à noite porque durante o dia a rede de energia elétrica era fraca, fazendo com que o rádio ficasse com muitos chiados: “os rádios mais velhos pareciam uma caixa de marimbondo. Eu tinha um radinho de pilha que conforme a posição que ele ficava, ele falava, se mudasse de posição parava. Hoje eu uso aquele ali, o rádio mesmo.” (ALBERGARIA, 2019) – o aparelho que era ouvido apenas na parte da noite foi substituído por um receptor com suporte para CD, mas que, segundo ela, fica sintonizado na emissora da cidade. Fátima Paiva continua ouvindo rádio em casa através de um aparelho bastante antigo: “o rádio que eu gosto de ouvir a Rádio Ouro Preto lá em casa de manhã é um rádio que deve ser mais velho do que eu” (PAIVA, 2019). Já Ana Luisa, que teve acesso ao rádio já na década de 1990, afirma ter ouvido sempre em aparelhos não muito antigos, já com suporte para CD e que o modo de escuta com base em aparelhos não mudou. “Hoje eu continuo ouvindo assim. No celular eu não gosto” (REIS, 2019).

As experiências de escuta radiofônica muitas vezes estão baseadas em laços memoriais e afetivos. Para Maria Aparecida, “o rádio faz a gente lembrar de muita coisa, seja por música, transmissão da Semana Santa. Traz muita lembrança da cidade, de gente da gente que nem vive mais, mas conforme o que você ouve faz a gente lembrar deles” (ALBERGARIA, 2018). Todos os entrevistados conseguiram relacionar, quando provocados, algum laço memorial ou afetivo que o rádio em dado momento tenha despertado neles e, em muitos dos casos, a música transmitida pelas ondas do AM é que faz esse papel. Para o musicólogo Antônio Jardim (2005), a memória e a música se relacionam de maneira muito aproximada. Segundo ele, “a memória tem na música o seu mais alto grau de realização, seja porque nesta se realiza concretamente, seja pelo fato de a música estabelecer um lugar privilegiado de realização da memória” (JARDIM, 2005, p. 31). A música tem a capacidade de despertar memórias de lugares, momentos e pessoas, daí sua concretude, o lugar privilegiado que ela tem na memória.

Euclides ouve o programa Baú do Adair na Rádio Itatiaia Ouro Preto justamente porque a programação musical é constituída de músicas antigas: “O Baú do Adair à tarde é bom porque toca muita música daquelas antigas e a gente lembra daquele tempo” (GOMES E., 2019). Já Vicentina afirma que são as músicas sertanejas que trazem lembranças do seu passado e que, por isso, ela gosta quando são executadas na parte da manhã na Rádio Itatiaia Ouro Preto: “A gente cantava isso o dia inteiro lá em

casa, na lavoura de cana, de café, a gente ia capinar cantando. A gente ouvia de propósito, pra aprender pra gente cantar no serviço, a gente ia panhar café, ia moer cana sempre cantando. Cantar não é bom?” (OLIVEIRA V., 2019).

Em diversos momentos as pessoas entrevistadas rememoram a decisiva influência de algum familiar para que elas criassem o hábito de escuta. Segundo Conceição Aparecida, sua influência para começar a ouvir rádio veio das duas avós. Ela rememora que uma delas andava durante o dia pelos cômodos da casa com um rádio portátil que funcionava à pilha e durante a noite ela ouvia no quarto. “A minha outra avó tinha um radinho de mesa, que era um radinho de madeira e ficava só no quarto dela. Eu comecei a ouvir mais por influência da avó” (MATA, 2019). A experiência de escuta radiofônica, nesse sentido, pode ser considerada também uma herança cultural transmitida, nesse caso, pela avó de Conceição. Nesse sentido, o sociólogo Norbert Elias ilustra: “Os pais, filhos de pais, são seguidos por filhos e as mães, por filhas. Trata-se, na verdade, de um fluxo contínuo, uma mudança mais rápida ou mais lenta das formas vivas” (ELIAS, 1994, p.20). Fátima recorda que começou a ouvir rádio por influência dos pais:

Eu comecei a ouvir rádio muito novinha, eu tinha uns quatro anos. Foi por influência de pai porque a gente morava na roça aí tinha que ligar o rádio quatro horas da manhã pra ouvir um programa daquele Zé Bétio. O pessoal da roça todo mundo ouvia. [...] Meu pai adorava rádio, minha mãe também. Ligava e ficava o dia todo, ainda mais que não tinha televisão. E hoje eu fico com o rádio ligado o dia inteiro (PAIVA, 2019).

Mesmo com todas as mudanças tecnológicas e com as novas possibilidades de escuta advindas dessas transformações, o rádio continua servindo como fonte de informação diária, como forma de conectar realidades e cotidianos e, por mais que o adjetivo pareça ultrapassado em meio a tantas interconexões disponíveis, o rádio ainda serve como companheiro para ouvintes como Conceição, que acha “muito ruim ficar numa casa sozinha em silêncio. Às vezes você quer ouvir som e escuta o pessoal falando no rádio é a mesma coisa que ter alguém conversando com você” (MATA, 2019). A esse respeito, o pesquisador Luiz Artur Ferraretto evidencia que as novas tecnologias não tiraram do rádio o caráter de companheiro do ouvinte, pelo contrário, as possibilidades de acompanhar o ouvinte em outros ambientes foram aumentadas,

potencializando também esse caráter e “conectando o público, simultaneamente, às atividades do cotidiano, ao mundo” (FERRARETTO, 2014, p. 77).

A proximidade das pessoas com os locutores, as formas de interação, a preocupação com notícias importantes da vida diária que definem o tipo de escuta radiofônica dos ouvintes da Rádio Itatiaia Ouro Preto são elementos que relacionam diretamente este tópico com algumas tangentes que serão discutidas nos próximos parágrafos, tratando especificamente das questões relacionadas à categoria localismo definida através da ATD.

LOCALISMO: “É LOCAL PORQUE É DAQUI, É DE OURO PRETO E DÁ NOTÍCIA DESSA REDONDEZA TODA”

Ao tratar do rádio no contexto local, a investigação flexiona diferentes dinâmicas que convergem para o campo comunicacional, buscando em alguma medida as representações cotidianas que constroem as características das sociabilidades do local ligadas “às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores significados contidos de coisas, palavras, gestos, comportamentos e ideias” (PESAVENTO, 2006, p. 36). Todas essas esferas repercutem nas formas da mídia local, engendradas na rotina da cidade e indissociáveis das relações sociais cotidianas. Quando concebe os valores sociais do lugar em que está inserida, a rádio local gera formas comunicacionais que são compartilhadas com a população, retratando a realidade com base nos diferentes componentes identitários. Para Cebrián Herreros, a emissora local representa um elemento de identidade da cidade porque “está centrada na vida social, econômica, política e cultural de sua área de abrangência e também em tudo o que ocorre em seu exterior e que tenha repercussões na vida da comunidade” (CEBRIÁN HERREROS, 2001, p. 146, tradução nossa).

O modelo de programação da Rádio Itatiaia Ouro Preto demonstra essa configuração da emissora como mídia local centrada na vida cotidiana da cidade. Quando questionado sobre suas principais fontes de informação, Geraldo não hesita em afirmar que “é o rádio. É a Rádio Ouro Preto. Não tem jeito de falar que não é. Se você quer ficar bem informado sobre sua cidade não dá pra ouvir rádio de BH, Inconfidência igual a gente ouvia antes de ter a Rádio Ouro Preto (GOMES, G., 2019). Para 80,9% dos ouvintes que responderam ao questionário a Rádio Itatiaia Ouro Preto reflete bem o cotidiano da cidade.

As informações veiculadas pela Rádio Itatiaia Ouro Preto tratam prioritariamente de assuntos que influenciam na vida diária da população, delimitando então as configurações do local como o circundante ao que está presente no cotidiano. É nesse sentido que,

quando nos referimos ao ‘local’, imaginamos um espaço restrito, bem delimitado, no interior do qual se desenrola a vida de um grupo ou de um conjunto de pessoas. Ele possui um contorno preciso, a ponto de se tornar baliza territorial para os hábitos cotidianos. O ‘local’ se confunde, assim, com o que nos circunda, está ‘realmente presente’ em nossas vidas. Ele nos recorta com sua proximidade, nos acolhe com sua familiaridade (ORTIZ, 2000, p. 54).

Os ouvintes entrevistados concordam que o local evoca o município como um todo e fazem questão de lembrar a importância da rádio também para os distritos. As populações desses lugares são muito ativas na relação com a Rádio Itatiaia Ouro Preto e, cabe destacar, serão as principais afetadas pelo processo de migração. Maria Aparecida dimensiona que a rádio “é local porque é daqui, é de Ouro Preto e dá notícia dessa redondeza toda. No Salto, Lavras Novas, Mariana, tudo desses lugares ela noticia. Se tem uma notícia importante, ela dá notícia de tudo” (ALBERGARIA, 2018) e Conceição completa: “A gente fica sabendo de falta d’água nos distritos, se aconteceu alguma coisa em Antônio Pereira, no Salto. Muitas vezes ele fala de um local onde aconteceu alguma coisa ou tá precisando de alguma coisa eu nem sei onde que é, e é um distrito de distrito” (MATA, 2019). Embora se volte para notícias locais, incluindo os distritos ouro-pretanos, em alguns momentos da programação também são veiculadas informações de outras cidades, não da mesma forma e frequência que são noticiados os acontecimentos de Ouro Preto. Vicentina diz gostar desse formato de programação noticiosa: “eu gosto do que ela faz: ela dá a notícia daqui direitinho e depois vai passando de hora em hora notícia de Minas, do mundo” (OLIVEIRA V., 2019).

Para Euclides, a proximidade é argumento importante para a confiabilidade na exatidão das notícias veiculadas pela Rádio Itatiaia Ouro Preto: “A notícia tá aqui, eles também, então a notícia chega na hora. Pra gente que é da cidade, quando ouve a notícia na Rádio Ouro Preto, recebe muito melhor porque quando a rádio daqui fala você sabe de que ponto da cidade está falando, já uma rádio de fora não localiza tão bem” (GOMES, E., 2019). Fátima concorda e evoca a importância do comunicador nessa formação da relação de confiabilidade entre rádio e ouvinte: “Dos locutores da Itatiaia,

de Ouro Preto, a gente ouve falar nas roças, agora dessas outras rádios a gente não ouve falar” (PAIVA, 2019). Na medida em que o imaginário coletivo concebe a importância dos meios de comunicação, a existência de uma emissora próxima gera esse sentimento de pertença porque ela reverbera acontecimentos da vida cotidiana do ouvinte, que se vê representado e percebe “no rádio mais um componente de inserção na vida urbana” (MAIA, 2006, p. 6). Através da rádio ele pode mandar recados, pedir músicas, interagir com locutores, ele pode se escutar nessa emissora - que passa a ser também dele.

A rede de relações cotidianas de um lugar é produzida a partir de variantes entrelaçadas, sejam afetivas, memoriais, “ideológicas”, políticas, culturais, históricas ou territoriais. O rádio nesse tocante tem a capacidade de se voltar para seu lugar originário e reforçar essas variantes. Maria Aparecida é categórica ao afirmar que a Rádio Itatiaia Ouro Preto deveria se voltar para notícias da cidade: “Eu gosto de ouvir notícia de Ouro Preto, notícia sobre o que acontece perto daqui e que influencia o dia a dia da gente. Notícia do Brasil e do Mundo eu vejo na televisão” (ALBERGARIA, 2018). Assim como Maria Aparecida, a maior parte dos ouvintes que responderam o questionário afirmou que ouve a Rádio Itatiaia Ouro Preto para receber informações sobre os acontecimentos da cidade, o que reforça a importância da emissora enquanto local. As notícias veiculadas ganham lugar nas conversas entre vizinhos, familiares e colegas de trabalho e, mais recentemente, na arena ampliada das redes sociais *online*.

Nesse sentido, Soares, citada por Bertolotto (2018), expõe que “a AM entra pelos igarapés até as comunidades ribeirinhas. Nas casas de farinha, o som é do radinho. Ele fortalece nossa identidade e traz conhecimento. Na Amazônia, ela é tão primordial como o WhatsApp para as pessoas da cidade” (SOARES *apud* BERTOLOTTI, 2018, s.p). Assim, “o local coloca em forma o mundo da vida diária, sendo ele próprio fundador da relação com o mundo do indivíduo, mas igualmente da relação com o outro, da construção comum do sentido que faz o vínculo social” (BOURDIN, 2001, p. 36). A resposta de um ouvinte no questionário foi escolhida aqui para fechar esse tópico sobre localismo por representar de maneira simples as interseções entre o lugar-afeto e a Rádio Itatiaia Ouro Preto: “Gostaria de agradecer. A Rádio Itatiaia faz parte da história de Ouro Preto”. O próximo tópico, com base nas categorias finais da ATD, trata especificamente sobre o entendimento e relações do ouvinte com a rádio a partir do processo de migração para FM.

MIGRAÇÃO: “A RÁDIO OURO PRETO AM É UMA COISA, A FM É OUTRA COISA”

A mudança para FM vem sendo introduzida aos poucos no cotidiano de escuta já enraizado do ouvinte da Rádio Itatiaia Ouro Preto, sendo que a emissora tem divulgado a possibilidade de sintonia em FM através de jornais locais, em ações nas ruas de Ouro Preto e na própria programação. As ações de divulgação têm surtido efeito, já que 93,6% das pessoas que responderam ao questionário afirmam saber que a Rádio Itatiaia Ouro Preto pode ser ouvida em Frequência Modulada, entretanto a adesão ao FM foi pequena, considerando que apenas 19,1% dos ouvintes responderam que já ouvem a rádio através da nova frequência. Os ouvintes que foram entrevistados refletem da mesma forma os dados obtidos pelo questionário. Todos eles ficaram sabendo através da própria emissora que é possível sintonizar a rádio em FM, mas a maioria deles só ouve em AM ou não se importa com o tipo de sintonia, assim como Maria Aparecida, já que a programação é a mesma. “Eu soube que ia ter FM pela rádio mesmo, mas eu ouço nos dois. Tem dia que tá AM e tem dia que tá em FM” (ALBERGARIA, 2019).

As emissoras locais priorizam programas jornalísticos voltados para prestação de serviço e esporte. Notícias sobre saúde, política, educação, saneamento e condições do trânsito da cidade são comuns nas emissoras AM locais. Para Fátima, os ouvintes já estão acostumados com a programação e com o formato dos programas e por isso esses fatores não deveriam ser alterados após a migração. Ela cita o exemplo da sogra como pessoa já acostumada com o conteúdo da emissora: “A minha sogra ficava ouvindo o programa de Antônio pra ouvir as reclamações. Ela sabia que ia ter aquilo. Ela morava lá em Mariana, perto do jardim, então faltava água ela ia e ligava pra rádio e ficava esperando até ela ouvir que ela reclamou” (PAIVA, 2019). Ana Luisa concorda que “nessa rádio específica é bom manter porque tem muito idoso que escuta e fica esperando que seja aquilo mesmo” (REIS, 2019). Geraldo completa: “Se fizer uma mudança o ouvinte vai ter que acostumar pra gostar do outro programa. Se mudar até eu desanimo de ouvir pela Itatiaia” (GOMES G., 2019).

Os entrevistados que ouvem mais de uma rádio ouro-pretana conseguiram indicar algumas características da Rádio Itatiaia Ouro Preto, única emissora AM da cidade, que se diferem das outras emissoras locais - estas funcionando em FM. Entre as características apontadas estão: tipo de locução, formato dos programas, músicas, alcance do sinal, quantidade e tipos de informações veiculadas e a permanência dos

mesmos programas e locutores ao longo dos anos na Rádio Itatiaia Ouro Preto. Fátima indica características diferentes entre a Rádio Itatiaia Ouro Preto (AM) e a Rádio Real (FM): “as músicas da Real são melhores, mais novas” (PAIVA, 2019), já para Ana Luisa, “a Real é mais um entretenimento. A programação da Itatiaia é mais antiga” (REIS, 2019). Geraldo percebe que “a Itatiaia tem mais informação de tudo, política, esporte, social” (GOMES G., 2019).

Nesse período de transição do AM para FM a audiência das emissoras tende a ser dispersa e as formas de interação múltiplas. As emissoras migrantes terão de saber romper as distâncias e se relacionar com o ouvinte que não tem aparelho celular e com o ouvinte que só entraria em contato por WhatsApp. Analisando as entrevistas realizadas com ouvintes da Rádio Itatiaia Ouro Preto para a pesquisa fica clara essa afirmação. Maria Aparecida não usa aparelho celular, mas interage com a emissora através de ligação telefônica; já Fátima, mesmo tendo acesso a redes sociais online e WhatsApp, ainda prefere ligar para pedir músicas ou fazer alguma reclamação. Geraldo só interagiu com a rádio através de ligação telefônica, mas dificilmente entra em contato com a emissora. Diante disso, a pesquisa concorda com Kischinhevsky (2016) no entendimento de que não é possível exaltar um caráter horizontal da comunicação mesmo com a chegada das redes sociais *online* ou de outras plataformas que facilitaram a interação considerando que as condições sociais dos ouvintes não são homogêneas.

Mesmo entendendo o cerne do processo de migração, os ouvintes não têm mais informações sobre o fenômeno, o que ele pode acarretar na escuta cotidiana de rádio ou sobre o andamento do fenômeno na Rádio Itatiaia Ouro Preto. “Eles falam que essa mudança foi pra melhorar. Melhorou o som. O som melhorou. Eu ouço os dois. [...] AM de vez em quando dá uns piripaque, fica ruim, mas dá pra ouvir” (ALBERGARIA, 2018). Ana Luisa também entende que a migração tem como objetivo principal a melhora do sinal, por mais que ela considere que a frequência AM não é ruim. Euclides e Conceição ouvem através das duas frequências e afirmaram não ter notado nenhuma diferença na qualidade do som. Já Geraldo entende, de maneira certa, que com a sintonia apenas em FM a rádio vai perder abrangência: “Você sai daqui, chega em Cachoeira já não ouve a Rádio Ouro Preto bem, o território de Ouro Preto é grande, você vai lá em Antônio Pereira já não chega mais. [...] A Rádio Ouro Preto AM é uma coisa, a FM é outra coisa”. (GOMES, G., 2019). Naturalmente, essas são as poucas mudanças que podem ser percebidas, já que a emissora ainda não desligou o sinal AM e

não fez modificações na programação. Mesmo sabendo que a qualidade do som é melhor, a maioria dos ouvintes que respondeu ao questionário pretende continuar ouvindo a rádio em AM até o desligamento do sinal.

O processo de migração ainda é uma incógnita tanto para ouvintes quanto para a Rádio Itatiaia Ouro Preto. Por ser um processo inédito no Brasil e com resultados emergentes, qualquer previsão pode ser falha. Em detrimento disso, pelo exposto neste tópico, é possível verificar que, depois de completado o processo de migração, as mudanças previstas pela a Rádio Itatiaia Ouro Preto serão sentidas por esse público fiel e acostumado com as características da emissora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “ALGUMA COISA QUE PERMANECE ACIMA DE TODAS AS VICISSITUDES”

Conhecer as especificidades do cotidiano de Ouro Preto por si só já representou um desafio. Como Drummond tão bem expressa, “há em Ouro Preto, escondida, uma cidade além-cidade. Não adianta correr as ruas e pontes, morros, sacristias, se não houver total entrega” (ANDRADE, 1984, p. 96). Nesse sentido, o sobe e desce das ladeiras, as tantas idas à Biblioteca Pública de Ouro Preto, as conversas nas repúblicas estudantis ou no mercadinho da esquina, o percurso até as casas dos entrevistados em diferentes cantos da cidade e as visitas à sede da Rádio Itatiaia Ouro Preto representam o cotidiano de estudos para a pesquisa, mas também a inserção na vida diária da cidade.

O modelo multimetodológico que orientou a pesquisa possibilitou observar o complexo fenômeno como um todo nas variantes que o estudo se propôs a investigar. Com características marcadamente do rádio AM, a Rádio Itatiaia Ouro Preto mantém a mesma programação e locutores durante muitos anos, com mudanças pontuais, mas preservando as bases de programação em notícias locais e esporte. Com fortes aspectos de tradicionalidade, a rádio conseguiu a confiança de uma população que se mostra avessa a quaisquer mudanças na emissora. Nesse caso, as experiências transmitidas entre gerações e baseadas em memória e afetos parecem ter mais importância que aquelas advindas de aspectos tecnológicos ou cognoscitivos.

A migração para FM coloca à prova a capacidade de reinvenção do rádio enquanto meio de comunicação mais democrático do país, e, especificamente da emissora ouro-pretana enquanto enraizada na cidade em características já assimiladas pelos ouvintes. Como processo novo, é difícil antecipar diversas das suas vertentes,

porém já é sabido que a área de abrangência da Rádio Itatiaia Ouro Preto vai diminuir consideravelmente deixando vários distritos da cidade órfãos de comunicação local. Isso representa um impacto no que diz respeito à identidade local, já que a mídia ajuda a conformar ou modificar modos identitários, uma vez que “o consumo cultural midiático participa da organização da cotidianidade e da conformação da competência cultural” (RONSINI, 2007, p. 70). Para muitas localidades, o rádio AM segue sendo o principal meio de comunicação por sua capacidade de refletir fielmente o cotidiano da cidade ou até mesmo porque só ele consegue chegar a lugares mais afastados.

As múltiplas temporalidades que cercam a tricentenária Ouro Preto se manifestam ao longo da pesquisa porque a história é sempre muito latente e presente no imaginário coletivo. A Rádio Itatiaia Ouro Preto tem papel fundamental na manutenção dessas identidades históricas não só pela continuidade das suas características ao longo dos anos, mas, sobretudo porque as tradições locais fazem parte do cotidiano da cidade e, enquanto emissora local, ela se vê quase que compelida a reverberar esses costumes.

Em múltiplos formatos e configurações, o rádio contraria as previsões mais pessimistas e se afirma, cada vez mais, como trilha sonora da vida cotidiana, como espaço de manifestação social, cultural, política, como lugar em que ouvimos os sons do mundo, do país e da cidade e em que devemos lutar para nos fazer ouvir (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 135).

REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, Maria Aparecida. **Eu gosto de ouvir notícia de Ouro Preto**. Entrevista cedida a Rafael Medeiros, Ouro Preto, dez. 2018.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984
- BARROSO, Francisco. **O papel da Igreja no surgimento da Rádio Ouro Preto**. Entrevista cedida a Rafael Medeiros, Ouro Preto, ago. 2018.
- BARTHES, Roland. **Lo obvio y lo obtuso**: imágenes, gestos, voces. Barcelona: Paidós, 1995.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre a filosofia da história. Trad. Maria Luz Moita. In: **Sobre Arte, Técnica, Magia e Política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BERTOLOTTO, Rodrigo; GERAB, Marcelo. **País sem sintonia**: depois de integrar o Brasil por décadas, o rádio vive mudanças que podem provocar o efeito contrário. UOL, 2018. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/radio/#pais-sem-sintonia>. Acesso em: 29 jun. 2019.
- BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio en la convergência multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.

-
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: Teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.
- GOMES, Euclides José. **A transmissão da AM é em linha reta**. Entrevista cedida a Rafael Medeiros, Ouro Preto, jan. 2019.
- GOMES, Geraldo Antônio. **Hoje tá tudo muito evoluído**. Entrevista cedida a Rafael Medeiros, Ouro Preto, jan. 2019.
- JACKS, Nilda; KNEWITZ, Anna Paula; RIBEIRO, Laís Pereira. Os Rumos Dos Estudos De Recepção Radiofônica: Década De 2000. In: **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 01, n. 01, pp. 25-43, jul./dez. 2010.
- JARDIM, Antonio. **Música**: Vigência do Pensar Poético. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- MAIA, Marta Regina. **A comunidade radiouvinte e o sentimento de pertencimento**. In: Anais do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2VdXczT>. Acesso em: 01 jan. 2019.
- MATA, Conceição Aparecida da. **O rádio fica como companheiro**. Entrevista cedida a Rafael Medeiros, Ouro Preto, jan. 2019.
- MEDEIROS, Rafael. **O rádio e a cidade patrimônio**: experiências de escuta, localismo e migração nos discursos de ouvintes Ouro-Preтанos. 2019. 276 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.
- NATAL, Caion Meneguello. Ouro Preto e as primeiras representações da cidade histórica. **URBANA**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 1-20, abr. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2NnwJkN>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- OLIVEIRA, Vicentina. **Todo mundo ouvia rádio junto**. Entrevista cedida a Rafael Medeiros, Ouro Preto, jan. 2019.
- ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. 2. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2000.
- PAIVA, Fátima. **Pela internet eu não escuto**. Entrevista cedida a Rafael Medeiros, Ouro Preto, jan. 2019.
- PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nélia (orgs.). **Migração do rádio AM para o FM**: Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica. Florianópolis: Insular, 2018.
- REIS, Ana Luisa. **Eu já ouço a rádio em FM**. Entrevista cedida a Rafael Medeiros, Ouro Preto, jan. 2019.
- RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de Sentido**: consumo de mídia em identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.